



Salário mínimo

R\$ 1.100

Na sexta-feira

R\$ 5,675
(▲ 1,81%)

Dólar
Últimas cotações (em R\$)

1º/março	5,629
5/março	5,680
6/março	5,599
7/março	5,640
8/março	5,574

Euro
Comercial, venda na sexta-feira

R\$ 6,754

Capital de giro
Na sexta-feira

5,73%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)

2,84%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2020	0,89
Dezembro/2020	1,35
Janeiro/2021	0,25
Fevereiro/2021	0,86
Março/2021	0,93

CONJUNTURA / Alta dos juros provocada pelas incertezas econômicas diminui a rentabilidade dos títulos públicos. Situação pode acarretar prejuízo financeiro para quem sacar os recursos antes da hora. Especialistas recomendam esperar pelo vencimento dos papéis

Tesouro Direto: perdas assustam investidor

» ROSANA HESSEL

De olho no dinheiro

O rendimento do Tesouro Direto neste início de ano está negativo, o que pode assustar o investidor. Mas analistas alertam que vender agora é realizar prejuízos



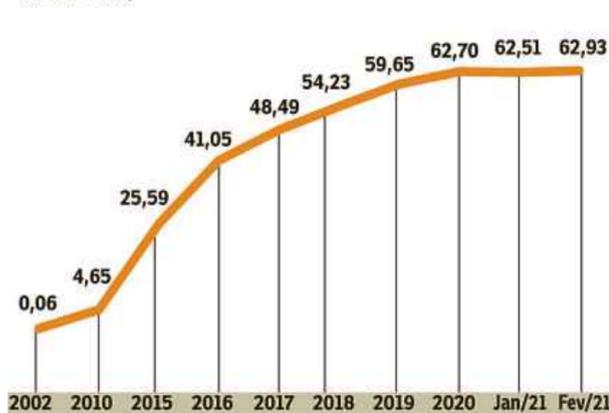
VEJA O RENDIMENTO DE ALGUNS PAPÉIS DO TESOURO DIRETO*

Título	Vencimento	Últimos 30 dias	Mês anterior	No ano	Em 12 meses	Taxa compra	Taxa venda (Em %)
Tesouro Prefixado 2024	01/07/24	-1,76	-2,49	-	-	8,16	8,28
Tesouro Prefixado 2026	01/01/26	-3,03	-3,68	-9,33	-0,51	8,78	8,90
Tesouro Selic 2024	01/09/24	0,08	0,13	-	-	0,20	0,21
Tesouro Selic 2027	01/03/27	0,16	0,27	-	-	0,34	0,35
Tesouro IPCA+ 2024	15/08/24	-0,83	-1,36	-2,05	7,87	-	3,21
Tesouro IPCA+ 2026	15/08/26	-1,77	-1,93	-3,90	8,98	3,61	3,73
Tesouro IPCA+ 2035	15/05/35	-3,72	-3,77	-7,29	17,47	4,09	4,21
Tesouro IPCA+ 2045	15/05/45	-7,25	-7,30	-14,23	22,40	4,09	4,21
Tesouro IPCA+ com juros semestrais 2030	15/08/30	-2,52	-2,79	-5,46	9,45	3,91	4,03
Tesouro IPCA+ com juros semestrais 2035	15/05/35	-2,73	-2,88	-5,62	13,11	-	4,11

*Dados de 09/04/21

EVOLUÇÃO DO ESTOQUE DO TESOURO DIRETO

Valores em R\$



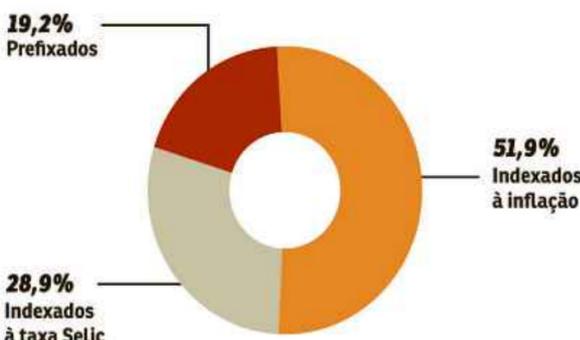
RENDIMENTO MÉDIO DOS TÍTULOS DE LONGO PRAZO

Veja a variação dos principais indicadores da Anbima para os papéis do Tesouro

Variações	Mês*	Ano*	12 meses*	24 meses*
IMA-S	0,17	0,45	1,84	7,37
IMA-B	-0,46	-2,81	10,39	20,48
IRF-M 1+	-1,45	-4,77	1,81	15,01
IRF-M	-0,84	-2,80	2,25	13,59
IMA-GERAL	-0,39	-1,32	4,98	13,88

*Valores referentes ao mês de março
Fontes: Tesouro Nacional e Anbima

PERFIL DOS TÍTULOS DO TESOURO DIRETO*



*posição em fev-21

LEGENDA:

IMA-Geral: formado por todos os títulos que compõem a dívida pública.

IRF-M: formado por títulos públicos prefixados, que são as LTNs (Letras do Tesouro Nacional ou Tesouro Prefixado) e NTN-Fs (Notas do Tesouro Nacional – Série F ou Tesouro Prefixado com Juros Semestrais).

IRF-M 1+: formado por títulos públicos prefixados, que são as LTNs e NTN-Fs ou Tesouro Prefixado com juros semestrais, com vencimentos acima de um ano.

IMA-B: formado por títulos públicos indexados à inflação, que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional – Série B ou Tesouro IPCA+ com juros semestrais).

IMA-S: formado por títulos pós-fixados atrelados à taxa básica de juros (Selic), que são as LFTs (Letras Financeira do Tesouro ou Tesouro Selic).

sinalizou novas altas da Selic, mas o rendimento dos títulos, por enquanto, ainda não é suficiente para recompor as perdas da inflação. Por isso, no curto prazo, ainda vamos ter um cenário de perdas. Para quem tem dinheiro aplicado agora, não há muita alternativa a não ser aguardar o quadro se reverter. Mas, para quem quer investir, o melhor é apostar no pós-fixado e acompanhar a taxa de juros futura”, aconselha.

Paulo Marques, gerente de Relacionamento Institucional do Tesouro Direto, procura tranquilizar o investidor. “O rendimento contratado será sempre sobre o valor investido inicialmente até o vencimento, independentemente do que acontecer”, garante. “O investidor não precisa ficar olhando a marcação a mercado diária. Se ele contratou 10% ao ano, por exemplo, vai ter, no vencimento, a rentabilidade que foi contratada”, explica.

Mesmo assim, na avaliação de Simone Pasionotto, economista-chefe da Reag Investimentos, o investidor ainda pode ter perdas mais à frente se as incertezas atuais persistirem, especialmente na questão fiscal. O país está muito endividado, com a dívida pública bruta em 90% do Produto Interno Bruto (PIB), patamar elevado para um país emergente. “A piora no cenário fiscal durante a pandemia está aumentando o risco dos títulos públicos de longo prazo. O Brasil virou aquele parente que gasta mais do que ganha, fica pedindo dinheiro emprestado e nunca faz o ajuste nas contas, como cortar as despesas supérfluas”, lamenta.

Opção de longo prazo

Apesar do desempenho ruim neste início de ano, os analistas recomendam o Tesouro Direto como investimento de longo prazo. “É preciso saber o momento certo para entrar, e os títulos públicos não podem ser uma reserva emergencial. O aplicador precisa estar ciente de que, se antecipar o saque, pode perder. Mas não é o pior dos mundos. O Tesouro IPCA+, por exemplo, pode ser um bom ativo para montar uma carteira para a aposentadoria, porque há ganhos no longo prazo acima da inflação”, aconselha Simone Pasionotto.

O professor Ricardo Rocha, do Insuper, também considera que investir em títulos públicos é uma boa opção para quem quer complementar a aposentadoria, pois os juros estão subindo e é preciso ficar atento às oportunidades que devem aparecer. “Um título que pagar 5% acima do IPCA não deixa de ser um investimento muito bom, especialmente para quem pensa em complementar a renda da aposentadoria. Nenhum governo lá fora paga isso”, afirma.

Fabio Gallo também recomenda o investimento no Tesouro Direto para quem faz planos de longo prazo. “Essa volatilidade sempre acontece no curto prazo. Mesmo assim, o investimento no Tesouro vale a pena. Aquele que ficar com o título até o vencimento vai obter a rentabilidade prometida no dia da compra. É o chamado yield to maturity. Só perde quem sai no meio do caminho”, explica.

Evitando prejuízos

Apesar do cenário instável, os analistas avisam que não é aconselhável para o investidor se desfazer dos títulos antes do vencimento, porque, neste momento, a perda será inevitável. “É preciso muita calma para evitar maiores prejuízos. Apenas venda se esse for o único dinheiro de que você dispõe para uma emergência”, orienta Fabio Gallo, espe-

cialista em finanças pessoais e professor da Fundação Getulio Vargas (FGV).

Gallo recomenda ao investidor em títulos de longo prazo que não fique olhando diariamente o comportamento dos papéis. “É preciso ter sangue frio. No curto prazo, todos os investimentos estão com variação real negativa”, afirma. Ele explica que a rentabilidade dos títulos públicos está caindo, neste momento, “porque a curva de juros

está empinada”, o que significa que os juros futuros estão em alta diante do cenário de incertezas. “Como os títulos são marcados a mercado, seu valor é apurado diariamente. Nesse cálculo, quando os juros sobem, o valor do ativo cai”, explica.

“O investidor, porém, não pode confundir prejuízo econômico com prejuízo financeiro. A curva de valor dos títulos do Tesouro, como de toda a renda fixa, sobe e desce conforme a taxa

de juros. Hoje, a taxa está mais alta, e o valor do título está mais baixo e, portanto, existe prejuízo econômico. Amanhã, se a taxa cair, o preço dos papéis sobe e o investidor tem lucro. Assim, o prejuízo econômico é reversível. Mas, se você vender no momento de prejuízo econômico, ele se torna financeiro e este é definitivo no bolso”, explica Gallo. “Se o investidor mantiver o título até o vencimento, ele ganhará exatamente o prometido na

compra, independentemente do sobe e desce ao longo do caminho”, acrescenta.

De acordo com o economista Miguel Ribeiro de Oliveira, diretor da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), o momento é complicado para o investidor de renda fixa, porque, com a inflação elevada, no curto prazo, o quadro é de perdas generalizadas não apenas para o Tesouro Direto. “O Banco Central já